

Escutar para Reparar:

Danos Extrapatrimoniais
e Saúde Mental Comunitária
em Maceió



Escutar para Reparar:

Danos Extrapatrimoniais
e Saúde Mental Comunitária
em Maceió

FICHA TÉCNICA

Coordenação do Projeto “Saúde Mental Comunitária: redes de apoio psicossocial”

LÁZARO BATISTA

Elaboração da Cartilha

LÁZARO BATISTA; MARÍLIA CREISIELE SANTOS; FERNANDA GOMES CASTRO;
ISMAEL MARQUES DA SILVA BASÍLIO; RITA DE CÁSSIA ALMEIDA COSTA

Revisão

LEOGILDO ALVES FREIRES
MARIA AUXILIADORA RIBEIRO
THAINARA BRITO SANTOS

Colaboração

LETÍCIA MARCELINO CONCEIÇÃO
LUAN FILIPY FREIRE TORRES

Capa, Diagramação e Ilustrações

MARIA ALICE TEODORO DA SILVA

E74

Escutar para reparar : danos extrapatrimoniais e saúde comunitária em Maceió / coordenação de Lázaro Batista ; elaboração de Marília Creisiele Santos, Fernanda Gomes Castro, Ismael Marques da Silva Basílio e Rita de Cássia Almeida Costa ; revisão de Thainara Brito Santos e Maria Auxiliadora Ribeiro ; colaboração de Letícia Marcelino Conceição e Luan Filipy Freire Torres . – [s. l.] : UNOPS; Maceió: Fundepes, 2025.

35 f. : il. color., retrs.

Livro de leitura pedagógica
Texto para Saúde Mental em contexto de desastre
Público a que se destina: geral
Referências: p. 35
Inclui fotografias

1. Psicoterapia. 2. Saúde mental. 3. Desastres ambientais – Maceió. 4. Percepção. 5. Psicologia social. 6. Psicoterapia de grupo. 7. Crime ambiental - Braskem. I. Batista, Lázaro. II. Santos, Marília Creisiele. III. Castro, Fernanda Gomes. IV. Basílio, Ismael Marques da Silva. V. Costa, Rita de Cássia Almeida. VI. Santos, Thainara Brito. VII. Ribeiro, Maria Auxiliadora. VIII. Torres, Luan Filipy Freire. IX. Título.

CDU159.9.019.2
CDD 616.89

Agradecimentos

Agradecemos profundamente aos/às moradores/as e ex-moradores/as das comunidades e bairros afetados do **Pinheiro, Flexais, Bom Parto, Bebedouro e Farol**, que abriram espaço para que este trabalho pudesse existir. Cada encontro, cada conversa e cada memória compartilhada foram gestos de **coragem e generosidade** que tornaram possível construir esta cartilha. É impossível não reconhecer a **força** que apareceu quando cada um/a de vocês decidiram **falar** do que viveram, lembrar do que foi perdido e, ao mesmo tempo, apontar **caminhos de cuidado e reconstrução**. A presença de cada pessoa, com suas **histórias, afetos e esperanças**, nos ensinou muito sobre **resistência e pertencimento**. Recebam nossa gratidão sincera por **confiarem** no processo, **acolherem** a equipe e **transformarem** a palavra em movimento de reparação e futuro.

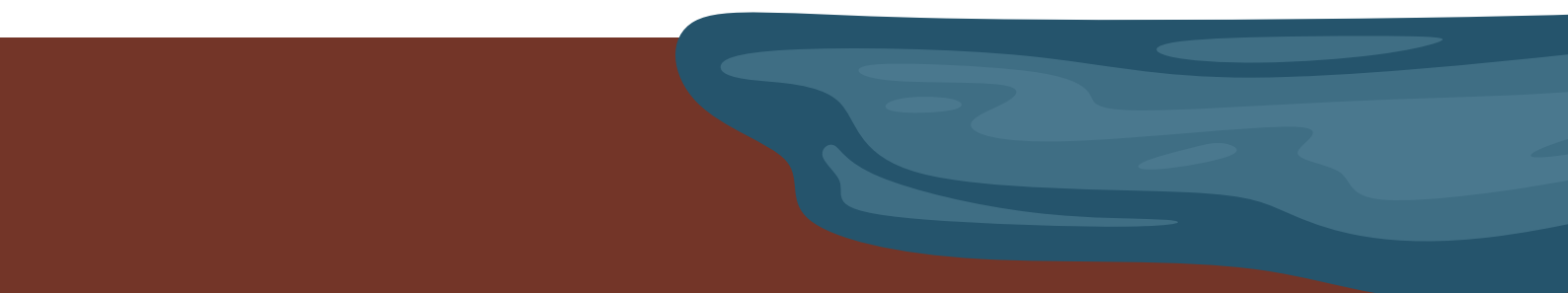


Apresentação

Esta cartilha integra o **Projeto Saúde Mental Comunitária – Redes de Apoio Psicossocial**, desenvolvido pela **Fundepes/UFAL** no âmbito do **Programa Nosso Chão, Nossa História** gerido e operacionalizado pelo **Escritório das Nações Unidas para Serviços de Projetos (UNOPS)** e **Comitê Gestor de Danos Extrapatriomoniais (CGDE)**. O projeto fez parte da primeira geração de projetos selecionados pelo edital nº MCZ|24035|2024005 de saúde mental comunitária (Projeto 3: Redes de Apoio Comunitário) e visava contribuir para a **reparação de danos morais coletivos** e o **fortalecimento dos vínculos sociais** rompidos pelo desastre socioambiental causados pela mineração em Maceió.

Como parte desses esforços, durante os meses de junho e julho de 2025 foram realizadas **oficinas** de escuta coletiva sobre os impactos do desastre socioambiental com moradores/as e ex-moradores/as dos **territórios afetados**. Reunidos em três encontros, na Casa da Igreja Batista do Pinheiro (Casa IBP) (**Pinheiro**), no Centro Comunitário da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora (**Eustáquio Gomes**) e na residência de uma liderança do Movimento Unificado das Vítimas da Braskem (MUVB) (**Flexais**), moradores/as e ex-moradores/as compartilharam **experiências, afetos e memórias** sobre o colapso geológico e suas repercussões no cotidiano, nos vínculos comunitários e na saúde mental. Estes foram encontros que possibilitaram a construção de vínculos entre eles/as, trazendo **novas perspectivas de futuro**.

O objetivo desta cartilha é apresentar os **sentidos coletivos** que as vítimas construíram sobre o desastre e os danos resultantes dele, assim como as dimensões do sofrimento vivenciado pelas comunidades afetadas, preservando uma **ética relacional** e o **respeito às vozes dos/as participantes**.



Sumário

1 OS VÁRIOS DESASTRES E SEUS IMPACTOS

07

2 NOTAS METODOLÓGICAS

10

3 AS VOZES DAS PESSOAS ATINGIDAS

13

A potência do nós: a centralidade do termo “gente”

14

Quando a fala vira rede: o sentido das conexões na análise de similitude

16

Três dimensões do vivido

20

Dimensão 1: Memórias de perdas, violências e resistências no cotidiano afetado

21

Dimensão 2: Deslocamento, perda do território e reconfiguração dos vínculos comunitários

23

Dimensão 3: Caminhos coletivos para seguir adiante

25

4 PERDAS, RESISTÊNCIAS E RECONSTRUÇÕES: UMA SÍNTESE DAS FALAS

27

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CAMINHOS POSSÍVEIS

30

REFERÊNCIAS

38

1

Os vários desastres e seus impactos



O colapso geológico provocado pela **extração de sal-gema** mudou a rotina de Maceió de forma profunda. Cerca de **60 mil pessoas** foram obrigadas a deixar suas casas e **cinco bairros** foram afetados, sendo que quatro tiveram partes de suas áreas destruídas (Pinheiro, Farol, Bebedouro e Bom Parto) enquanto um bairro (Mutange) foi totalmente comprometido e deixou de existir. Para quem vivia nesses lugares, não se tratou apenas de perder bens materiais. Houve a **quebra das relações de vizinhança**, a **interrupção de hábitos** que organizavam o dia a dia e a **perda de espaços** que sustentavam a vida comunitária. Pesquisas sobre desastres mostram que mudanças tão bruscas costumam gerar sentimento de **insegurança**, **tristeza** e **desorientação**, porque afetam diretamente o modo como as pessoas se **reconhecem** no território (Levino; Fontana, 2023; Amaral, 2023).

Essas consequências são chamadas de **danos extrapatrimoniais**, que são impactos difíceis de colocar em números, mas muito presentes na vida de quem foi atingido. Eles aparecem na **sensação de perder o próprio chão**, nas **dificuldades de reconstruir vínculos**, no **medo do futuro** e no **abalo da identidade territorial**. Estudos sobre memória e desastres lembram que essas perdas não são só individuais, mas **coletivas**, já que atingem histórias, afetos e relações que sustentam a convivência (Sartori; Valencio, 2016; Rosa; Mayorga, 2023). Por isso, cuidar da **saúde mental** também significa reconstruir laços, fortalecer redes de apoio e criar espaços onde as pessoas possam **falar**, **lembrar** e se **reorganizar** de forma segura e solidária (Silva, 2025).

Trata-se, em resumo, de danos que não podem ser medidos em termos materiais ou de compensação financeira, mas que interferem diretamente na **qualidade de vida** e na **integridade emocional** das pessoas e comunidades. Por isso, a reparação nesse

tipo de situação exige mais do que indenizações: **requer escuta, reconhecimento público e reconstrução de vínculos comunitários.**

Oficina de Escuta - Atividade do Projeto nos Flexais



2

Notas metodológicas



Para elaboração dessa cartilha, o **áudio gravado das oficinas**¹ foi transcrito e analisado no software IRaMuTeQ, que utiliza procedimentos estatísticos e linguísticos para identificar **padrões de coocorrência** de palavras e formar classes de sentido (Camargo; Justo, 2013).

As análises realizadas incluíram:

- **Nuvem de palavras**, para identificar termos mais frequentes;
- **Análise de similitude**, para mapear conexões entre palavras;
- **Classificação Hierárquica Descendente (CHD)**, para agrupar segmentos de texto com vocabulário semelhante.

O corpus foi composto por **transcrições** das rodas de conversa realizadas entre junho e julho de 2025 e que contaram com a participação de **vinte pessoas atingidas** direta ou indiretamente pelo desastre. Dentre os/as participantes, foi observado o respeito à diversidade de gênero, faixa etária, raça, condição socioeconômica e deficiência, garantindo o compromisso com a **política de Gênero, Diversidade e Inclusão**. Entre as pessoas, sete eram negras, cinco idosas, duas com deficiência e famílias oriundas dos bairros e comunidades do Flexais, Bom Parto, Pinheiro, Bebedouro, Farol e Jatiúca.

Conduzido pela Equipe Técnica, o **trabalho de escuta** nas oficinas seguiu um roteiro baseado na Pesquisa-Intervenção Participativa e na psicologia social comunitária, articulando **acolhimento, levantamento de informações e mapeamento de estratégias de enfrentamento** (Renault; Ramos, 2019).

Em conjunto, esses procedimentos permitiram identificar padrões de coocorrência e núcleos de sentido recorrentes nas falas

¹ Todos os registros de fala e imagens apresentadas foram registrados a partir do consentimento voluntário e formal dos/as participantes.

coletadas. As análises de nuvem e similitude contribuíram para visualizar as relações entre termos e a centralidade de certos conceitos, enquanto cada classe resultante da CHD corresponde a um agrupamento de palavras, expressões e trechos de discurso com **significados compartilhados**.

Grupos de Apoio Psicossocial - Atividade dos grupos na Casa IBP e nos Flexais



3

As vozes das pessoas atingidas



Para tentar demonstrar os **resultados** de modo mais visual, esta seção sistematiza os principais temas que emergiram das rodas, revelando como as pessoas afetadas constroem coletivamente **sentidos** sobre suas experiências e formas de reconstrução diante do desastre.

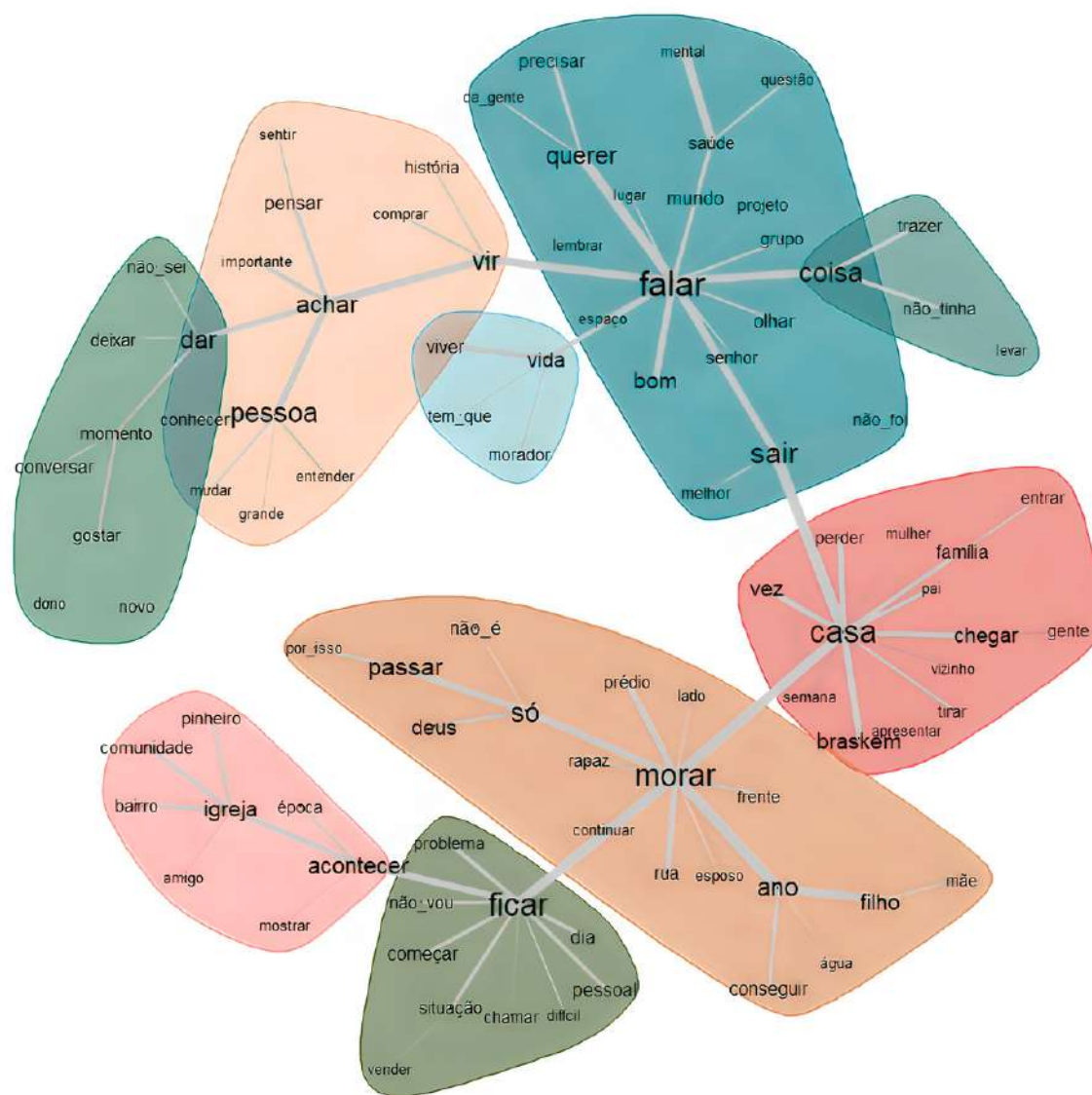
A potência do nós: a centralidade do termo “gente”

Como primeiro ponto de destaque, gostaríamos de chamar a atenção à **nuvem de palavras** da página seguinte, formada a partir das palavras mais frequentes, indicando os **assuntos mais recorrentes** durante as oficinas. Como vemos na imagem, o centro da nuvem é ocupado pela termo **“gente”**, mostrando que as experiências do desastre são narradas a partir de um **sujeito coletivo**. Esse sentido é mais facilmente percebido quando observamos as palavras que aparecem ao redor dele e que formam o núcleo da experiência: **aqui, casa, morar, sair, ficar, falar, agora, quando, porque e também**. Juntas, elas indicam que **“gente” está ligado ao território**, ao cotidiano interrompido e aos laços comunitários que foram quebrados.

Também se destaca a presença de **termos do dia a dia**, como casa, morar, ficar, sair, falar, pessoa, ano, Braskem e filho, mostrando que as falas giram em torno de **experiências concretas**, relacionadas à vida familiar, ao ambiente doméstico e à **rotina desorganizada pelo desastre**.

Em conjunto, esses termos aproximam **pertencimento**, revelam a ruptura forçada, situam o vivido no antes e depois do desastre e mostram a **necessidade de explicar, compreender e compartilhar o que aconteceu**. Assim, **“gente”** funciona como um ponto que **reúne perdas, memórias e tentativas de reconstrução**. Ele articula o **impacto material** da perda da casa, o **impacto**

Quando a fala vira rede: o sentido das conexões na análise de similitude



Na **análise de similitude**, é possível visualizar como essas palavras se **conectam** entre si, permitindo identificar redes de sentido e relações de proximidade semântica. A imagem mostra como as palavras se agrupam e revelam caminhos diferentes para **entender os impactos do desastre**.

Começamos por destacar a centralidade do termo “**falar**”, articulador por arestas mais espessas a “querer”, “coisa” e “sair”. Além desses moduladores, “falar” se conecta a termos como “grupo”, “saúde” e “mental”, que pertencem ao mesmo campo semântico e mostram que a fala aparece associada também ao contexto coletivo das oficinas e às discussões sobre **saúde mental**. Essas conexões, por um lado, sugerem que o desejo ou a intenção de falar foi um elemento recorrente dos discursos dos/as participantes, seja como **necessidade** de se expressar, sem como **dificuldade** de fazê-lo. Essa dualidade, aliás, foi frequente ao longo do projeto, com relatos de pessoas atingidas tanto no sentido de **demandar mais escuta**, quanto de manifestarem **cansaço com a repetição** da necessidade de contar suas histórias. Ao mesmo tempo, dá pistas acerca do **tipo de conteúdo que mobiliza essa necessidade ou recusa**: trata-se da narração sobre como se deu a saída dos territórios ou como se encontra a negociação por realocação. Isso se percebe na relação com “sair”, indicando a presença de falas tanto de pessoas que já saíram, quantos de quem ainda encontra dificuldades ou desejo de fazê-lo.

Essa análise mostra-se ainda mais coerente quando consideramos a conexão entre os núcleos formados por “falar” e “casa” e o modo como eles são conectados por “sair”. Esse outro conjunto de palavras forma um núcleo ligado às **perdas territoriais**: casa, morar, ano, Braskem, filho e igreja. Elas apontam para a **responsabilização direta da empresa pelos danos e pelo rompimento dos espaços de convivência, das referências afetivas e das relações que sustentavam a vida cotidiana**. Essa **rede territorial** mostra que o desastre atingiu ao mesmo tempo a **estrutura física** dos bairros e o **tecido social** que dava forma à comunidade.

Destacamos também a proximidade entre “**casa**” e “**morar**”, sugerindo que, nas falas das pessoas participantes, esses núcleos compõem um campo territorial que **organiza** grande parte dos sentidos sobre o impacto do desastre. As **conexões comuns** que surgem ao redor desses termos, especialmente com “ano”, “filho”, “chegar”, “família” e “ficar”, mostram que o impacto territorial envolve tanto o **cotidiano anterior** ao desastre quanto as **mudanças impostas** após o deslocamento. Dessa forma, as duas ilhas se **articulam** como um mesmo conjunto de significados ligados à vida doméstica, ao tempo, à permanência e à ruptura.

Há também um grupo de termos associados à **reflexão**, como pessoa, achar, pensar, história e dar. Nessa ilha, o termo “vir” aparece como articulador entre estar com pessoas e participar de um espaço coletivo de fala, o que sugere que a ação de **encontrar** pessoas e a possibilidade de **conversar** se vinculam ao contexto grupal em que a fala circula com mais intensidade. A proximidade entre esses conjuntos semânticos mostra que a ilha “pessoa” não se organiza de forma isolada, mas se integra ao campo da fala por meio de verbos de movimento e aproximação. O encadeamento entre “pessoa”, “achar”, “conversar” e “vir” revela um percurso em que a possibilidade de falar passa pela presença de outras pessoas, pela identificação de momentos de encontro e pela entrada em espaços nos quais o ato se torna possível. Assim, as relações entre essas ilhas evidenciam que **a fala é construída a partir de encontros em grupo**, o que reforça a necessidade de articulação entre **convivência, proximidade e expressão verbal** (Silva, 2025).

Nas bordas da rede aparecem palavras como igreja, comunidade, bairro, amigo e mostrar. Elas apontam para os espaços e relações que funcionavam e/ou ainda funcionam como **suporte afetivo e espiritual**, elementos que ajudam as pessoas a **sustentar a vida coletiva mesmo após tantas rupturas**. São sinais

de que, apesar das perdas, existem lugares e vínculos que continuam a oferecer conforto, companhia e acolhimento.

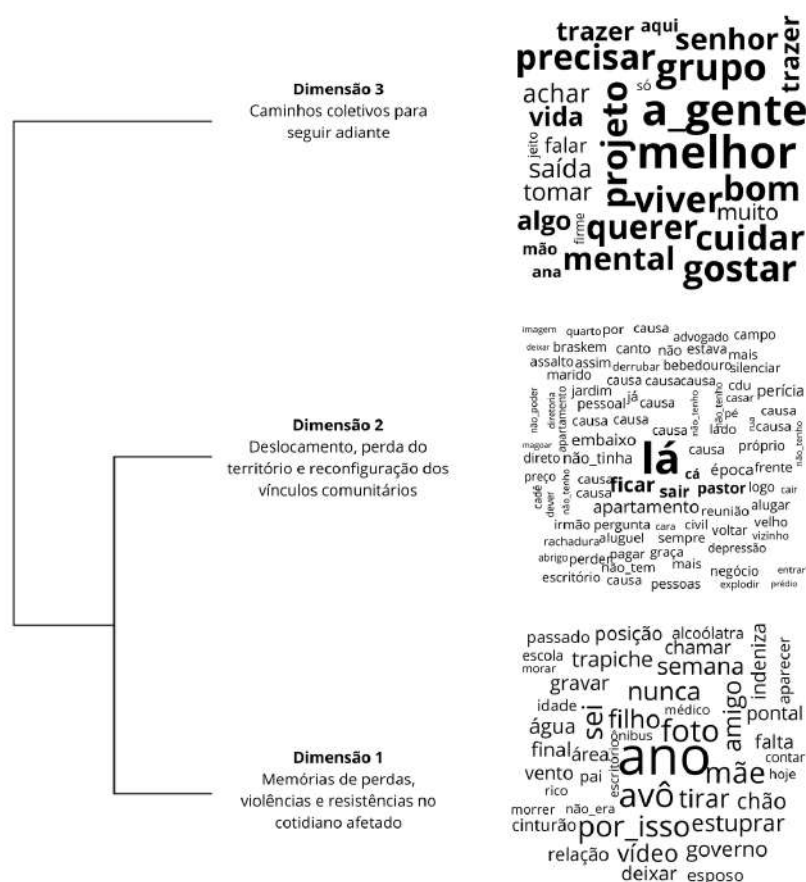
De modo integrado, então, as duas análises mostram que o vocabulário das pessoas atingidas se organiza em torno de três campos que se articulam entre si:

- **O campo do território**, marcado por palavras como casa, morar, ficar e sair. Elas traduzem a experiência concreta do deslocamento, da perda do lar e da ruptura dos espaços que estruturavam a vida cotidiana.
- **O campo do cuidado e da fala**, centrado em termos como falar, grupo, saúde e projeto. Esse conjunto expressa o valor do encontro, da partilha e da escuta como formas coletivas de reconstrução emocional e de fortalecimento dos vínculos comunitários.
- **O campo da memória e da identidade**, composto por palavras como pessoa, pensar, história e vida. Ele revela o esforço de compreender o que aconteceu, organizar lembranças e preservar a continuidade das experiências, mesmo diante de tantas mudanças.

Juntos, esses três campos demonstram, segundo o relato das vinte pessoas atingidas, como o desastre afetou simultaneamente **o corpo, a casa, a comunidade e as narrativas que sustentam a identidade das pessoas atingidas.**

Três dimensões do vivido

As três dimensões apresentadas a seguir reforçam essa percepção geral. Elas foram criadas por meio da **Classificação Hierárquica Descendente**, uma técnica que agrupa trechos das falas conforme a proximidade dos sentidos que aparecem neles. Em termos simples, a CHD reúne **palavras e ideias** que surgem juntas nas conversas, permitindo visualizar os temas que estruturam a experiência das pessoas atingidas.



A partir dessa leitura, é possível reconhecer **as três dimensões que atravessam o vivido**: o impacto direto no território, as memórias e dores acumuladas ao longo do tempo e as possibilidades coletivas de cuidado e reconstrução que podem emergir dos encontros.

Dimensão 1: Memórias de perdas, violências e resistências no cotidiano afetado

Representando 17,98% dos trechos de texto identificados automaticamente pelo software (UCEs), esta dimensão organiza um campo de **memória** e **denúncia**. As palavras com maior associação incluem: ano, avô, foto, filho, mãe, chão, água, governo, trapiche, vídeo. Os relatos trazem:

- lembranças de perdas familiares e lutos;
- experiências de violências, inclusive violência sexual;
- situações de precariedade, como falta de água e descaso institucional;
- relação direta entre corpo, território e história de vida.

Alguns fragmentos de falas de participantes das oficinas ilustram a densidade dessas experiências:

“Não é fácil, até hoje é como se tivessem tirado o meu chão, tirado a minha vida. A minha mãe morreu ano passado.”

“Eu luto, choro, brigo. Tô há quatro anos sem água, porque a Braskem quando tirou o pessoal do conjunto cortou nossa água.”

“Meu chão, né? Saiu um menino como ele estava ali na minha foto, e eu digo: eu não quero o que vem do governo.”

Nessa dimensão, o “chão” e a “água” aparecem como símbolos de **direitos violados** e de uma **vida interrompida**. O sofrimento não é apenas individual, mas **histórico** e **coletivo**, atravessando gerações. As narrativas combinam dor e resistência: contar o vivido é, ao mesmo tempo, expor a violência e afirmar a própria voz.

Em termos de dano extrapatrimonial, essa dimensão evidencia:

- ruptura da integridade emocional e moral;
- violação da segurança, da confiança e do respeito;
- naturalização de situações extremas que exigem reconhecimento e reparação.

Ao mesmo tempo, a memória funciona como instrumento de reconhecimento e reivindicação, com o relato das violências permitindo a **restituição da dignidade das vidas**, apesar do ocorrido (Adiche, 2019).

Grupos de Apoio Psicossocial - Registro durante atividade em grupo na Casa IBP



Dimensão 2: Deslocamento, perda do território e reconfiguração dos vínculos comunitários

Com 32,43% das UCEs, esta dimensão reúne falas sobre **mudança de moradia, saída forçada e desestruturação das redes comunitárias e religiosas**. Palavras representativas: lá, vir, ficar, sair, cá, prédio, casa, apartamento, igreja, morar, embaixo, pastor.

Os relatos mostram:

- a experiência de sair do bairro e ser realocado para prédios ou apartamentos desconhecidos;
- a perda de referências de vizinhança, escola, igreja;
- a sensação de não mais reconhecer o lugar nem as pessoas.

São exemplos disso as falas de participantes:

“Ficamos um ano morando lá embaixo sem nada. Cheguei aqui e disse: minha gente, cadê o povo?”

“Eu dava aula nessa escola há muitos anos e aí saí do bairro, saí da escola, saí da igreja.”

“A igreja está em risco. [...] depois que a mina 18 aconteceu, a igreja teve que sair. Essa casa também teve que sair.”

Dessa maneira, essa dimensão revela que o **território** não é apenas cenário, mas base de **identidade, memória e pertencimento**. A **perda** desse espaço implica **desorganização** da vida cotidiana, **esvaziamento** de laços e necessidade de criar novos modos de convivência em contextos muitas vezes marcados por **solidão e desconfiança**. Aqui, o dano extrapatrimonial se expressa:

- Ao mesmo tempo, as falas indicam esforços de reconfiguração dos vínculos, mostrando que **a reconstrução da saúde mental comunitária passa pela criação de novos espaços de encontro, apoio e pertencimento** (Silva, 2025).



Dimensão 3: Caminhos coletivos para seguir adiante

Esta dimensão reúne 49,59% das Unidades de Contexto Elementar (UCEs) e organiza um eixo discursivo que reúne as falas que apontam para **saídas possíveis** e para a **força que surge quando as pessoas se encontram**. As palavras mais relevantes incluem: né, projeto, viver, a_gente, querer, grupo, precisar, melhor, mental, cuidar, importante. Esse léxico indica:

- demanda por projetos que fomentem discussões;
- percepção da importância de atividades em grupo para escuta e apoio;
- compreensão da saúde mental como algo construído junto, e não apenas individualmente.

As falas destacam a necessidade de fortalecer vínculos para enfrentar as consequências do desastre:

“Porque sozinho ninguém vai conseguir fazer nada.”

“E fortalecimento dos vínculos e da nossa saúde mental também, porque essa partilha é importante pra gente ressignificar e conseguir elaborar as perdas.”

“Mesmo que a gente escute muito a angústia da não resolutividade, a fala é uma saída pra gente pensar em possibilidades.”

Portanto, a **saúde mental** é entendida pelos/as participantes como reconstrução da vida cotidiana a partir do **apoio mútuo**, da **partilha de experiências** e da **criação de espaços coletivos de elaboração das perdas**. O “a gente” operador central

da nuvem de palavras, é retomado aqui como marcando uma **demanda ética por cuidado compartilhado**.

Dela decorre a necessidade de **ainda mais ações** de reparação de danos extrapatrimoniais que se assentem na **reparação simbólica**: fortalecendo redes, criando espaços de fala, cultivando vínculos e reconhecendo que ninguém atravessa um trauma sozinha. Trata-se, desse modo, de uma valiosa pista e horizonte de reconstrução, mostrando que, **mesmo diante de tantas perdas, ainda existem caminhos possíveis de resistência, apoio mútuo e reencantamento com a vida comunitária**.

Oficina de Escuta - Registro durante atividade nos Flexais



4

Perdas, resistências e reconstruções: uma síntese das falas



A análise integrada das três dimensões mostra que as falas das vinte pessoas atingidas transitam entre **dor, indignação e esperança**. As **perdas cotidianas** representam o impacto inicial do desastre; o **sentimento de injustiça** traduz a dimensão ética e social do dano; e as **ações coletivas de resistência** apontam caminhos para a reconstrução da vida comunitária.

A leitura conjunta evidencia três eixos articulados:

1. **Memória, dor e denúncia (Classe 1):** As narrativas de violência, perda e abandono revelam camadas de dano extrapatrimonial que atingem o corpo, a história e a dignidade das pessoas, mas também mostram resistência ao silêncio e ao apagamento.

2. **Deslocamento e reconfiguração territorial (Classe 2):** A perda do território e das referências comunitárias produz desenraizamento, exigindo processos de reterritorialização simbólica e prática para que as pessoas possam se sentir novamente pertencentes.

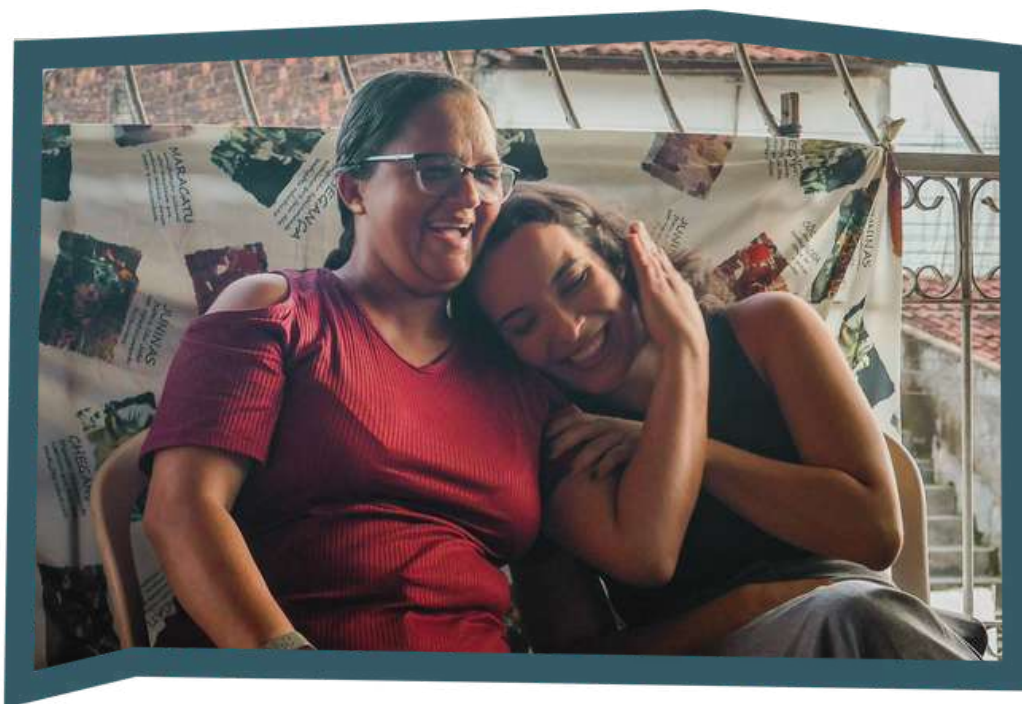
3. **Cuidado coletivo e fortalecimento de vínculos (Classe 3):** Surgem a demanda e necessidade de dispositivos concretos de apoio, escuta e produção de possibilidades, nos quais a saúde mental é entendida como construção coletiva.

Esses eixos demonstram que o dano extrapatrimonial, no contexto do desastre ocasionado pela mineração é, ao mesmo tempo:

- **subjetivo** (sofrimento emocional, medo, insônia, luto);
- **social** (rompimento de laços, enfraquecimento comunitário);
- **simbólico** (perda do chão, da memória, da identidade territorial).

Portanto, qualquer iniciativa de reconstrução, reparação ou mitigação deve obrigatoriamente passar pelo **reconhecimento dessas dimensões** e pela **criação de políticas, projetos e práticas que apoiem processos de cuidado coletivo, escuta qualificada e recomposição dos vínculos**.

Oficina de Escuta - Registro durante atividade nos Flexais



5

Considerações finais e caminhos possíveis



Como parte inicial do trabalho de reparação de danos executado pelo **Projeto Saúde Mental Comunitária: redes de apoio psicossocial**, entendemos que as oficinas e o produto dela resultante permitiu **ampliar** a compreensão sobre as múltiplas percepções e experiências de diferentes sujeitos em relação aos impactos do desastre socioambiental, revelando nuances das vivências de **perda, deslocamento e reorganização da vida cotidiana**. As **trocas** realizadas durante os encontros serviram como base para o aprimoramento das estratégias metodológicas e para o **planejamento sensível** das atividades subsequentes, especialmente dos grupos de apoio psicossocial que facilitamos durante o ano de 2025, possibilitando que fossem mais adequadas às **realidades, linguagens e demandas específicas de cada comunidade**.

Também cumpriram o papel de dispositivo de **escuta e sensibilização**, permitindo à equipe identificar demandas emergentes, mapear redes locais de apoio e ajustar metodologicamente as etapas seguintes do projeto. Ao promover encontros enraizados na realidade dos territórios, a etapa reafirmou o **compromisso ético-político** da proposta: **reconhecer a potência das comunidades atingidas, fortalecer vínculos intergeracionais e fomentar processos de reparação simbólica e social a partir da palavra, da memória e do convívio coletivo**.

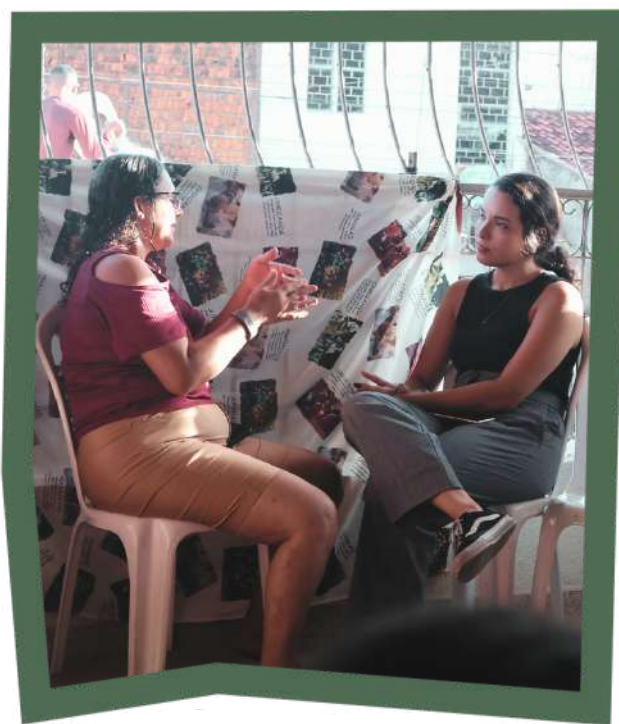
Os resultados das análises qualitativas confirmam que **o desastre gerou efeitos profundos sobre a saúde mental, as relações comunitárias e a percepção de justiça**. As falas também mostram que **os impactos do desastre não se distribuem de forma igual entre todos os grupos**. A presença significativa de mulheres, especialmente **mulheres negras**, evidencia como gênero e raça atravessam as experiências de perda, cuidado e resistência. Muitas delas relatam sobrecarga emocional, responsabilidades ampliadas

com a família e maior exposição a situações de vulnerabilidade. **Pessoas idosas e pessoas com deficiência** também aparecem com destaque nas oficinas, trazendo relatos marcados por **dependência de redes de apoio que foram quebradas** com o deslocamento e por desafios adicionais para se adaptar aos novos territórios. Esses recortes revelam que **o sofrimento extrapatrimonial é atravessado por desigualdades pré-existentes**, que se aprofundam diante do desastre e tornam ainda mais urgente a criação de políticas e práticas de cuidado que considerem **raça, gênero, idade e deficiência** como dimensões centrais da reparação (Collins, 2022).

O **reconhecimento público** desse sofrimento e a **valorização das narrativas** das vítimas são etapas **indispensáveis** para a reconstrução social. Nesse sentido, sustentamos que a reparação deve incluir: **políticas públicas de apoio psicossocial continuado; incentivo à reconstrução dos vínculos territoriais; criação e promoção de espaços permanentes de escuta e memória; garantia de visibilidade às demandas das comunidades afetadas.**

Essas ações integram o compromisso ético e político de **transformar o sofrimento em direito reconhecido e em políticas de cuidado baseadas na escuta, no pertencimento e na justiça social.**

Grupos de Apoio Psicossocial - Registros de atividades na Casa IBP e nos Flexais



Pinheiro



Eustáquio Gomes



Flexais



“Mesmo que a gente escute muito a angústia da não resolutividade, a fala é uma saída pra gente pensar em possibilidades.”



Referências

AMARAL, M. V. S. Sem chão, sem teto: metamorfoses da paisagem e impactos da mineração no desastre-crime da Braskem em Maceió - AL. **Ensaios de Geografia**, v. 10, n. 21, p. 235-246, 31 ago. 2023. DOI: Disponível em:

https://periodicos.uff.br/ensaios_posgeo/article/view/55828.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

COLLINS, P. H. **Bem mais do que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. São Paulo: Boitempo, 2022.

LEVINO, N. A.; FONTANA, M. E. (Org.) **A cidade engolida**. Desastre ocasionado pela extração irregular de minas de sal-gema em Maceió-AL: uma discussão inicial. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

RENAULT, L; RAMOS, J. Participar da análise, analisar a participação: aspectos metodológicos de uma pesquisa- - intervenção participativa em saúde mental. **Saúde Soc.**, v.28, n.4, p.61-72, 2019. DOI: 10.1590/S0104-12902019190699.

ROSA, D.; MAYORGA, C. O ROMPIMENTO DA BARRAGEM DA SAMARCO: impactos na vida das mulheres em Mariana/MG. **Revista Psicologia & Saberes**, 12(1), 2023.

SARTORI, J.; VALENCIO, N. O desastre vivenciado: a importância da memória social de idosos através da análise do caso de São Luiz do Paraitinga. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 13, n. 26, p. 181-214, 9 Ago 2016.

SILVA, S. **Apoio Psicossocial Comunitário Diretrizes para atuação em Saúde Mental Comunitária no contexto do desastre socioambiental causado pela mineração em Maceió/AL**. Unops/CFP: Maceió-AL, 2025.

Equipe Técnica do Projeto Saúde Mental Comunitária: Redes de Apoio Psicossocial

Coordenação Geral:

Lázaro Batista

Coordenação de Frente de Gestão de Dados:

Leogildo Alves Freires

Coordenação de Frente de Gestão de Projetos:

Maria Auxiliadora Teixeira Ribeiro

Sub-Coordenação de Execução de projetos:

Cássia Castro Bezerra

Caroline Cavalcanti Padilha Magalhães

Lidiane dos Santos Barbosa

Nayara Rita Cardoso Campos

Bolsista de Execução de Projeto:

Anidayê Ângelo Amorim

Débora Ranyelly Santos de Araújo

Fernanda Gomes Castro

Fabiano José dos Santos

Ismael Marques da Silva Basílio

Luana Cláudia Ferreira Magalhães

Maria Alice Teodoro da Silva

Marília Creisieles Santos

Rita de Cássia Almeida Costa

Psicóloga:

Thainara Brito Santos

Voluntárias:

Clara Leone da Conceição Melo

Letícia Marcelino Conceição

Apoio Técnico:

Luan Filipy Freire Torres

Ana Letícia Cordeiro

Gestão Financeira do Projeto (Fundepes):

Juliana Diniz Gameleira de Albuquerque

Assistente em Administração:

Elisabelle Cavalcante Agostinho



*Resgatando
a memória e
construindo
o futuro*

